

**POST PRAGMATIC JOY (TEORIA)***Michael Korfmann*<sup>1</sup>*Sofia Froehlich Kohl*<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por intenção apresentar a tradução comentada do ensaio *Post Pragmatic Joy (Theorie)*, de autoria de Leif Randt, e publicado pela revista literária BELLA triste em sua 39ª edição (2014). Leif Randt é um destacado escritor da literatura contemporânea de língua alemã, vencedor de vários prêmios e sucesso de público. O artigo traz um perfil do escritor e uma discussão sobre os desafios de tradução (entre lexicais e referenciais) enfrentados. Ao final do artigo, disponibilizamos o texto traduzido.

**Palavras-chave:** Leif Randt; *Post Pragmatic Joy (Theorie)*; *Planet Magnon*, tradução, literatura contemporânea.

**Abstract:** This article presents the commented translation of the essay *Post Pragmatic Joy (Theorie)* by Leif Randt, and published by the literary magazine BELLA triste in its 39th edition (2014). Leif Randt is a distinguished writer of contemporary German literature, winner of several awards and his books are of editorial success. The article features a profile of the writer and a discussion about the translation challenges (lexicals and references) faced in the process. At the end of the article, you will find the translated essay.

**Keywords:** Leif Randt; *Post Pragmatic Joy (Theorie)*; *Planet Magnon*, translation, contemporary literature.

**Introdução**

O ensaio *Post Pragmatic Joy (Theorie)* de Leif Randt está entre os poucos textos teóricos do autor, um dos mais destacados escritores alemães contemporâneos, mas ainda sem tradução no Brasil. Assim, antes de abordar o próprio texto, gostaríamos de apresentar uma breve introdução à obra de Randt.

Após frequentar as universidades de Gießen e Londres, Leif Randt graduou-se em Escrita Criativa e Jornalismo Cultural pela Universidade de Hildesheim. Em 2006, foi finalista no 14º Open Mike da *Literaturwerkstatt Berlin*, e, em 2007, com o *Projeto Vli-Mintstroem*, do prêmio *Plopp!* para peças de rádio. Escreveu um roteiro intitulado *Innocence*

---

<sup>1</sup> Professor titular UFRGS; Mestrado em Literatura Alemã e Americanística (1984, FU Berlim - Alemanha); Doutorado Literatura Comparada (2002, IL - UFRGS); Professor do Instituto Goethe em Berlim, São Paulo e Porto Alegre; Leitor do DAAD na Universidade do Porto, Portugal; Professor visitante na UFRGS; Desde 1995, professor efetivo do Setor de Alemão/Instituto de Letras/UFRGS; Chefe do Departamento de Línguas Modernas (2003-2005); Pós-Doutorado na Rheinische Friedrich Wilhelms Universität em Bonn, Alemanha (2005-2006); Coordenador das Literaturas Estrangeiras Modernas no Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS (2007-2009).

<sup>2</sup> Bacharela em tradução Português-Alemão na UFRGS.

[Inocência] para um filme da produtora *Razor Film Produktion* e apresentou uma performance no festival *PROSANOVA*, em 2008. Em 2009, ganhou o prêmio do júri do concurso *KulturSPIEGEL*; no mesmo ano, seu romance de estreia, *Leuchtspielhaus* [Casa dos Jogos Luminosos], foi publicado pela *Berlin Verlag*. Em 2010, Randt ganhou o prêmio de literatura da emissora *MDR* e o Prêmio *Nicolas Born* da Comissão de Literatura da Baixa Saxônia. Na justificativa do prêmio, afirma-se que “Randt apresenta cenas juvenis como máquinas culturais dinâmicas e altamente complexas, projetadas para produzir sempre novos efeitos de estilo de vida.”

Em 2011, Randt recebeu o Prêmio *Ernst Willner*, no âmbito do Prêmio *Ingeborg Bachmann*, por um trecho de seu projeto de romance *Schimmernder Dunst über CobyCounty* [Névoa translúcida sobre CobyCounty]. O romance, cuja primeira metade foi apresentada por Randt como trabalho de conclusão de seus estudos, foi publicado pouco depois pela *Berlin Verlag* e recebeu grande aclamação da crítica literária. O *Frankfurter Allgemeine Zeitung* afirmou que esse era “provavelmente, o livro mais descontraído da temporada.” O romance também foi adaptado para o palco pelo *Theater Bremen*. Em 2014, publicou na revista *BELLA triste* (n. 39) o texto teórico *Post Pragmatic Joy*, que trata de certos aspectos do que seria seu próximo romance, *Planet Magnon* (2015), incluído na lista dos *50 livros do nosso tempo*, da revista *Der Spiegel*. Os direitos do filme sobre o romance foram adquiridos pelo diretor Nicholas Mockridge e, em 2016, a obra foi adaptada para o teatro pelo *Düsseldorfer Schauspielhaus*. Seu último romance, *Allegro Pastell*, publicado em março de 2020, foi indicado ao Prêmio da *Leipziger Buchmesse* bem como ao *Deutsche Buchpreis*; recebeu inúmeras críticas favoráveis. O crítico literário Ijoma Mangold escreveu que “no futuro, nenhum *millennial* poderia escrever um romance sem se referir a *Allegro Pastell*” (*DIE ZEIT*, 11/2020).

O termo *Post Pragmatic Joy* surge então no ambiente do romance *Planet Magnon* (2015), onde Randt desenha um mundo utópico que, vestido com uma narrativa de ficção científica, é caracterizado por uma atitude chamada de *pós-pragmatismo*. Nele reina um sistema de computação chamado *ActualSanity* que controla o destino do novo mundo. Esta agência despersonalizada e pós-democrática está localizada “acima de nós nas estrelas, em um *shuttle* na órbita, que adapta seus textos legais cada vez mais precisa e diretamente às condições sempre renovadas, com base em avaliações estatísticas” (RANDT, 2015, p. 27). Em resumo, um algoritmo que leva em conta tanto fatos físicos, como casos de doença e números de vendas, como também parâmetros psicológicos, tais como medos, desejos ou

satisfação, tendo substituído a política real, com suas “incontáveis eleições, debates inconclusivos, e seus momentos de agonia latentes ou manifestos e sua agressividade” (RANDT, 2015, p. 27). Os parâmetros de convivência gerados refletem os estados mentais dos habitantes, já que o *ActualSanity* não pode tomar “nenhuma decisão autônoma [...], ele depende de nossas ações, discursos e desejos” (RANDT, 2015, p. 52). No romance, existe uma espécie de coexistência interplanetária pacífica, já que os episódios de violência e agressão foram, em grande parte, erradicados. A sociedade vive em uma era pós-industrial: não há nenhuma informação sobre pessoas que produzam algo com seu trabalho. Somos apresentados a um sistema que, embora aparentemente democrático, parece estranhamente totalitário, deixando o leitor com um sentimento ambíguo.

O grupo central do romance se chama *Dolphins*, que nada mais representa do que uma sociedade funcionando segundo certas normas, ao qual se pode aderir se suficientemente qualificado. Seu modo de ser está ligado apenas ao momento, que permeia racionalmente todos os acontecimentos e está aberto às influências de outros coletivos. O ideal dos *Dolphins*, portanto, é o de não seguir nenhuma ideia particular além de uma certa objetividade e controle, ou, em outras palavras, seguir apenas uma ideia que esteja em constante fluxo. O ponto estético-comunicativo central do grupo consiste em um conceito que o romance chama de *Post Pragmatic Joy*. Seu objetivo é um “estado suspenso, no qual a experiência de êxtase, intoxicação e sobriedade, a observação de si mesmo e dos outros, o cumprimento do dever e a distração superam suas aparentes contradições. Desta forma, os *Dolphins* distinguem sua *Post Pragmatic Joy* de uma alegria pragmática, sob a qual eles subsomem várias técnicas de hobby e lazer de outros coletivos” (RANDT, 2015, p. 291).

Após esta primeira contextualização do texto em questão, apresentamos a seguir aspectos tradutórios que se destacaram no decorrer da transposição da língua alemã para a língua portuguesa.

Referente ao já comentado coletivo *Dolphins*, é interessante ressaltar a denominação que seus partícipes recebem: *fellows*. Nesse ínterim, se pode destacar uma experiência pessoal de Leif Randt que, possivelmente, tenha sido uma inspiração na escolha do termo: em 2013, dois anos após a publicação do seu primeiro romance, Randt foi agraciado com três meses de *fellowship* na Villa Aurora, residência temporária para escritores, artistas visuais, compositores e produtores cinematográficos (VATMH, 2021). Os selecionados para passarem uma temporada na Villa, são também chamados de, veja bem, *fellows*. A casa, de propriedade

do *Berlin Office*, é financiada pelo Ministério de Relação Exteriores e pelo Comissariado Federal para Cultura e Mídia da Alemanha (ibid.).

Além de *fellows*, vários são os anglicismos que perpassam a obra de Randt: só em *Post Pragmatic Joy* há diversos – *fiction*, *handsome*, *tablestage*, *sorry*... Os empréstimos linguísticos, no geral, costumam ser um desafio para a tradução, especialmente quando o público-alvo do texto original e o público-alvo da tradução não compartilham do mesmo nível de conhecimento na língua estrangeira que aparece no texto. Esse é o caso na comparação entre o acesso à língua inglesa para os leitores de língua alemã e o acesso para os leitores de língua portuguesa – de acordo com Monteiro (2015): “[no Brasil, a] língua estrangeira nunca foi uma preocupação das diretrizes nacionais”, acrescido por Coutinho (2015): “[e]m algum momento eles têm aulas de inglês, mas quando se pergunta qual o conhecimento deles, as respostas mostram que eles não sabem falar a língua.” Apesar desse quadro de recepção, optamos por manter todos os estrangeirismos por entendermos que o uso dessas palavras em inglês possa ser atribuído ao ambiente das situações descritas (como, por exemplo, a comemoração de um aniversário em um clube de *striptease* nos Estados Unidos), mas também ao estilo do escritor, moderno e excepcionalmente bom em descrever sua geração (THÖR, 2012) – geração essa que foi a primeira a crescer em contato com as novas tecnologias da informação e com a globalização (COMAZZETTO, 2011).

Um caso específico de estrangeirismo que, de início, relutamos em manter foi *slackers* (utilizado em um trecho em que o autor está viajando de trem e descreve as pessoas que estão a sua volta), visto que, diferente de *fiction* ou *sorry*, quase com certeza não faz parte do vocabulário básico de inglês do leitor brasileiro. Mantivemos o termo unicamente porque ‘mochileiros’, que talvez fosse a opção de tradução mais viável, não contempla uma grande parte da carga semântica de *slackers*, a saber, “uma pessoa que se esquiva de trabalho e de obrigações.”<sup>3</sup>

Em relação a algumas referências específicas que o texto traz, destacamos o verbo *tatear* (*Ein tastender Text* [Um texto que tateia a realidade]), que, ao mesmo tempo em que não soa muito natural em português, é um termo constante na língua alemã, descrevendo uma aproximação cuidadosa, um apalpar mental do seu ambiente para entender sua forma e funcionamento. Um exemplo clássico de seu uso encontra-se em Goethe: “[e]m 14 de fevereiro, Goethe procura também elaborar um esquema para a teoria das cores que se encaixe nas doze categorias. A crítica de Schiller (em 16 de fevereiro) é bastante incisiva, mas é

---

<sup>3</sup> A person who shirks work or obligation (SLACKER, 2021).

reconhecida por Goethe (17 de fevereiro). Goethe pede modestamente pelo "apoio cordial de Schiller, através de concordância e oposição; esta última é sempre necessária para mim, mas nunca tanto quanto quando eu passo ao campo da filosofia, porque nele eu sempre me oriento através do tatear."<sup>4</sup>

Mais uma alusão específica que encontramos no ensaio é à *Jever Fun*, mencionada logo na primeira linha do texto, e que se refere a uma das versões sem álcool da cerveja *Jever Pilsener*, originária da cidade alemã homônima. Uma questão linguística interessante a respeito da pronúncia da marca e da pronúncia do nome da cidade é o fato de que diferem, ao contrário do que se poderia esperar: o nome da cidade é pronunciado Je/f/er, enquanto a marca é referida como Je/w/er. Essa diferença, conforme explicado na página comercial da cervejaria, se deve à popularização da marca em outras regiões da Alemanha, tão distantes da cidade de Jever, que nem se sabia de sua existência. Assim, o nome da cerveja era pronunciado como outras palavras em alemão que também têm ‘v’ dentro de suas sílabas (como *Evolution* [evolução] e *Lavandel* [lavanda]). Com o advento do rádio e da televisão, por questões publicitárias, a cervejaria acabou adotando o nome que já estava consolidado no mercado.

As demais dificuldades enfrentadas ao longo do processo de tradução foram: 1. a escolha temporal para a narração do episódio no clube de *striptease* em Las Vegas, redigido no presente do indicativo

Um apresentador anuncia sempre duas dançarinas, que então competem entre si dançando. Uns caras irritantemente jovens fazem notas choverem no palco, enquanto as garotas performam. A música me diverte, é a melhor música em Vegas até então.

A redação no pretérito perfeito nos parecia soar mais natural – tendo em vista de que se tratava da narração de um fato já acontecido, aliás sequer em um passado recente –, escolhemos, porém, manter os verbos no presente, uma vez que julgamos ter se tratado de uma escolha estilística do escritor; 2. A tradução de palavras escritas erradas em alemão,

---

<sup>4</sup> Am 14. Februar versucht nun auch Goethe seinerseits ein Schema der Farbenlehre nach den zwölf Kategorien zu entwerfen. Schillers Kritik (16. Feb.) ist ziemlich ablehnend, wird aber von Goethe (17. Feb.) anerkannt. Bescheiden bittet dieser um Schillers "gefälligen Beistand, durch Einstimmung und Opposition; die letzte ist mir immer nötig, niemals aber mehr, als wenn ich in das Feld der Philosophie übergehe, weil ich mich darin immer mit Tasten behelfen muss." (VORLÄNDER, 1907)

provenientes de um texto que o autor escrevera quando criança: *Kloh* (*Klo* [banheiro]) e *Fehrseher* (*Fernseher* [televisão]). As traduções que propomos foram, respectivamente, *banhero* e *televizãõ*, em uma tentativa de prever erros ortográficos que crianças recém-alfabetizadas poderiam cometer.

### ***Post Pragmatic Joy* (Teoria)**

*Leif Randt*

“Uma pipoca salgada pequena e uma *Jever Fun*, por favor.” Quando estou na bombonière do cinema, essa frase não chama atenção. Porém é uma boa frase pós-pragmática. Ela parece estranha, mas é totalmente sincera. A moça atrás do balcão abre minha cerveja sem álcool. Ela permanece completamente séria. Eu pago com uma nota nova de cinco euros. Com notas velhas de cinco euros eu não gosto de pagar, essas eu prefiro deixar guardadas.

Dizer as coisas como são, sem sofrer com isso. Estar atento, sem estar exaltado. Estar por dentro, mas não perdido. Talvez esse seja o caminho para a *Post Pragmatic Joy*.

Usei esse termo pela primeira vez em janeiro de 2012, em um conto de viagem fictício. A história era sobre dois homens, que aos 28 anos perderam seu *sexappeal* e agora viajam por um país desconhecido como professores de Neo-Espiritualismo e *Post Pragmatic Joy*. Suas visões de mundo não coincidem, mas ambos estão emocionalmente debilitados, por isso são amigos. Perto do fim da história, jogam cartas 3D de tarô, para descobrirem algo sobre seu futuro. Um texto que tateia a realidade, antes brando do que rígido. Nele o Neo-Espiritualismo ainda remeteu a *Schimmernder Dunst über CobyCounty* [Névoa translúcida sobre *CobyCounty*<sup>5</sup>], a *Post Pragmatic Joy*, por sua vez, a um depois difuso. Agora, em fevereiro de 2014, quando o céu está sempre de um azul radiante, utilizo PPJ em uma ópera espacial<sup>6</sup> moderna. Excerto:

---

<sup>5</sup> Segundo romance do autor, publicado em 2011 e agraciado com o prêmio Ernst-Willner no mesmo ano. É narrado e protagonizado por Wim Endersson, um dos moradores da perfeita *CobyCounty*, à beira mar, banhada por maravilhosos raios de sol e casa de festas incomparáveis (THÖR, 2013). Ainda nas palavras de Jacqueline Thör, uma cidade que remete às cidades que parecem perfeitas, às pessoas que parecem perfeitas e às vidas que parecem perfeitas.

<sup>6</sup> Referência ao terceiro romance do autor, *Planet Magnon*, publicado em 2015.

“*Pragmatic Joy* antigamente – na época do *ACTUAL SANITY*<sup>7</sup> – abrangia diversas técnicas de tempo livre e de hobbies, que polêmica e ocasionalmente também eram descritas como *não-trabalho*. *Post Pragmatic Joy* é um substantivo coletivo para as técnicas ensinadas pelo Coletivo DOLFIN, para garantir aos seus *Fellows* a melhor qualidade de vida possível.”

Para a atualidade, consigo definir o conceito apenas de forma insuficiente. Provavelmente sequer isso é possível. Estados pós-pragmáticos existem há muito tempo, frases bem sucedidas são resultado desses. Uma *Post Pragmatic Joy* realmente vivida, porém, ainda não existe. Ela é o objetivo, ela é a ideia vaga por trás dos textos, ela é o brilho sobre as palavras de preenchimento, a resposta secreta, que ainda ninguém conhece.

Há dois anos trabalho sempre com os mesmos gêneros textuais: e-mails, *fiction*, SMS e memórias. O nível oscila. Os melhores SMS surgem nos momentos mais felizes, durante festas épicas ou em viagens de trem com iluminação favorável. E os melhores e-mails decorrem de insônia, geralmente tarde da noite, depois das festas e viagens de trem, de uma leve necessidade de se comunicar. No caso da *fiction*, não tenho certeza, mas receio que ela só fica boa quando eu a planejo. Contanto que eu dedique tempo suficiente para isso. O surgimento de boa *fiction* é evidentemente bem pragmático. Mesmo assim, todo o resto conflui quando as coisas andam bem. Dessa maneira, ela será o mais tragável possível, dessa maneira, ela irá perdurar pelo maior tempo possível.

As memórias são, por outro lado, bastante frágeis. A descontração que eu, no início, suponha que essa forma teria, na realidade nunca existiu. Os textos não envelhecem bem. Eu não consigo suportá-los por muito tempo. No ano passado, tentei narrar o Carnaval com franqueza. “Finalmente Carnaval!” era o título, e eu pensei que o resto viria por si. Eu pensei que eu apenas deveria me deixar envolver o suficiente pela situação. Mas absolutamente nada de interessante aconteceu lá na Renânia. O texto não ficou bom, o Carnaval foi débil e melancólico. Foi melhor no vento quente do deserto de Las Vegas do que em Colônia. Eu fui de Los Angeles até lá de ônibus para a comemoração do aniversário de um amigo. Excerto:

“A última vez em que estive em um *Stripclub* foi na Ilha de Lindau, um pouco mais de três anos atrás. Em Lindau havia naquela época só duas *strippers* corpulentas, que também não sabiam dançar nada bem, mas agora, aqui em Las Vegas, há quase tantas *strippers* quanto

---

<sup>7</sup> Referência ao *software Actual Sanity*, do livro *Planet Magnon*, que comanda seis planetas de forma a garantir a melhor qualidade de vida a seus habitantes através de decisões tomadas com base em modelos estatísticos (ROWOHLT, s.a.).

clientes. A maioria delas caminha de biquíni pelo salão escuro e se ocupa individualmente dos clientes sentados em volta. Nos sentamos em poltronas confortáveis perto de uma *tablestage* e pedimos cervejas Corona. Um apresentador anuncia sempre duas dançarinas, que então competem entre si dançando. Uns caras irritantemente jovens fazem notas choverem no palco, enquanto as garotas performam. A música me diverte, é a melhor música em Vegas até então. Primeiro toca um *hit* de Skrillex e depois *Bubble Butt*, de Major Lazer. *Bubble Butt* é adequada até mesmo pelo tema, porque as garotas fazem movimentos bastante admiráveis com suas *butts*. No final de cada performance, engatinham sobre o palco para juntar as gorjetas. Tenho que admitir que as danças, quanto mais tempo permanecemos na *table*, ficam antes mais interessantes do que mais desinteressantes. Desenvolve-se uma sensibilidade para as mais sutis diferenças. Sente-se, como se se folheasse uma revista de moda com a pergunta em mente ‘de qual modelo se gosta mais’. Examinam-se as fotos e se observam as próprias reações. É interessante quando se surpreende a si mesmo. Quando se é impressionado por um corpo que não se encaixaria de jeito nenhum no perfil que se pensava procurar. Quando se é transformado. Djamal e eu estamos igualmente impressionados por uma garota asiática de peitos minúsculos. Na verdade, se deveria fazer chover dólares aos pés dessa ágil jovem mulher, mas esse gesto não está à nossa altura.

Mais tarde, compro uma dança de aniversário para Djamal. A mulher se chama Erotica, e nós tínhamos conversado muito agradavelmente um pouco antes. A dança custa apenas 20 dólares, mas *topless* na sala ao lado custaria 100. Djamal já havia perguntado isso antes. Enquanto Djamal recebe a dança, levanto do meu lugar e tento filmá-lo com meu celular. Obviamente está escuro demais para isso, e antes que eu consiga realmente tentar, chegam sempre outras garotas me perguntando como estou e como me chamo e de onde eu venho. A partir da terceira, começo a não dizer mais a verdade. Com o tempo, as conversas são mais longas. Uma das mulheres é realmente honesta e charmosa. Ela se chama Roberta e é provável que já tenha sido um homem. Roberta me explica que cada dançarina precisa pagar 80 dólares para poder entrar no clube. No clube enfrentam grande concorrência com outras mulheres e precisam primeiro garantir os 80 dólares de déficit antes de conseguirem ganhar qualquer coisa. Roberta diz que eu sou muito *handsome*, e que é difícil encontrar alguém de quem se goste, e nesse momento eu realmente acredito que ela não diz isso para qualquer um. Ela me pergunta se eu já comprei uma dança para o meu amigo aniversariante, ao que eu respondo ‘sim’, e depois ela pergunta se eu sabia de alguém que precisa de uma dança. Infelizmente eu não sei de ninguém, e infelizmente Roberta realmente não é tão bonita quanto



várias das outras garotas nesse clube. Mas eu gosto dela igual, e se ela realmente tinha sido um homem, então isso seria quase um motivo para se pedir uma dança, mas eu não queria perguntar sobre o passado dela, então deixamos por isso mesmo. Na despedida, Roberta enfatiza mais uma vez como eu sou *handsome* e me dá um beijo na bochecha. É um momento bonito. Eu olho ela se afastando. Mas ela realmente tem pouca bunda para uma mulher.

Djamal, nesse meio tempo, se recostou ainda mais em sua poltrona, Erotica se esfrega nele em diferentes poses e ele até mesmo acaricia os peitos disformes dela, enquanto ela se deita de costas sobre ele. Djamal é desse tipo, dos que conseguem fazer as coisas sem se perder no meio delas. Ele não procura pelos contextos mais amplos. Ele aceita com relativa ênfase a vida que lhe é oferecida, mas ele também observa e projeta o desenrolar dos acontecimentos. Ele é presente. Quando a dança acaba e eu estou sentado perto dele de novo, ele diz que eu não deveria ter feito aquilo. Eu digo: “sim, *sorry*, ela realmente não foi tão *sexy*.” Mas Djamal responde: “Não, não, a dança foi bem boa. Eu quero dizer que não precisava!” Eu respondo que é um presente de aniversário. Ele agradece, então nos levantamos das nossas poltronas e nos abraçamos. É a primeira vez que nos abraçamos, e eu acho que isso nos comove.”

Eu gosto bastante desses trechos mesmo depois de meses. Eles não enfeitam nada, eles acolhem as coisas como elas são, e eu acho que isso é importante. Glorificar, sem mentir. Entristecer-se sem chorar. Ser aberto e amigável, mas mesmo assim rigoroso. Manter as coisas equilibradas. Não tentar se iludir. Extrair o melhor possível das circunstâncias. E assim por diante.

No outono de 2012, viajei de trem de Chicago até Nova Iorque. A viagem durou 20 horas e iniciou quando começava a escurecer. O trem não estava cheio, *slackers* com mochilas gigantes caminhavam pelos corredores, e havia um espaço surpreendente para as pernas. O estado de digitar no início dessa noite, quando a maioria das pessoas em um trem lento já está dormindo, corresponde ao estado em que os e-mails ficam bons. Eu formulei uma diretiva, mais concreta do que a maioria das diretivas anteriores, como uma página de diário, constrangedora, totalmente apropriada para o momento:

“Não faz sentido criar uma família. Não faz sentido casar. Conflitos familiares são os mais desagradáveis que existem. É normal que depois de um tempo as pessoas comecem a se odiar. Então: não encha o saco de ninguém. Cultive seu círculo de amizades. Não fique velho

demais. Documente, caso documentar tenha algum valor para você. E sinta estados de felicidade, sempre quando puder.”

As pessoas a minha volta assumiram as posições mais esdrúxulas possíveis para que pudessem deitar em seus assentos duplos. Uma senhora mais velha colocou um cobertor de lã no rosto porque estava saindo muito vento do ar condicionado. Quando parei de digitar, me cobri com dois dos meus anoraques. De vem em quando, luzes passavam. O trem se balançava devagar através do centro-leste dos Estados Unidos. Às vezes, eu escutava ele apitar na distância.

Eu adoraria dizer que esse tipo de viagem de trem também se desgasta, mas não acredito nisso. Só não se deve repetir isso com muita frequência. Deve-se variar sempre, mas também não descartar as repetições cíclicas. No outono de 2003, depois de 21 anos, visitei novamente um Parque da Disney, em Anaheim, Califórnia. Meu plano era escrever algo sobre isso, mas não me veio nenhuma inspiração, e eu tinha aprendido com o Carnaval a então simplesmente desistir. No entanto, durante a minha visita, me lembrei de um relato de viagem que escrevi em 1992 sobre umas férias na Eurodisney. Eu estive lá com meus pais por três dias, e mesmo que as tomadas de nota não tenham passado do primeiro dia, algumas páginas cheias surgiram na ocasião do meu nono aniversário. Excerto:

“E na manhã seguinte, quando acordei, estava me sentindo mal. Eu precisava ir ao banheiro e no banheiro tudo sacudiu e balançou. Mas eu tinha conseguido. E então chegamos a Paris. Desembarcamos e comemos croissants na estação de trem de café da manhã. Então fomos de metrô e de trem até a Eurodisney; tivemos problemas com nossos cartões. Então eu vi o hotel da Disney. As escadas rolantes nos levaram até lá em cima. Um homem legal nos mostrou o caminho até os ônibus que iam até nosso hotel. Nós logo recebemos nosso quarto. A porta abria com um cartão, que no início não funcionou. Quando entramos no nosso quarto, liguei a televisão imediatamente. Tinha seis programas da Disney. E TV a cabo. E programas internacionais. E com os programas da Disney fiquei realmente com vontade de ir para o parque. Perguntei para a mamãe e para o papai se eles finalmente queriam ir. Mas eles ainda tinham que tomar banho. E então eu também fiz isso.”

Enquanto eu digitava, algumas semanas atrás, palavra por palavra do texto escrito a lápis, percebi que as semelhanças entre 1992 e 2014 eram indiscutíveis. Eu fundamentalmente não melhorei. Só a idade me transforma. Meu novo romance será mais longo do que o último.

Eventualmente eu criarei uma conta no Twitter um pouco antes do lançamento. Mas provavelmente não. Recentemente corri meia maratona no meu tempo livre. E pendurei um pôster da Emma Watson na parede. Mais do que isso não posso dizer. Geralmente não é fácil dizer algo. Mas nos bons estados pós-pragmáticos, é possível. E então se anota. E então isso existe pela primeira vez. E algum dia no futuro distante, quando tudo for nomeado de forma mais precisa, quando formos mais abertos e esclarecidos, então começará a época da *Post Pragmatic Joy*.

“E então queríamos andar no barco a vapor. Mais exatamente a mamãe, eu não tanto. Mas isso tanto fazia para mim. E então nos paramos na fila. A fila não era nada comparada com a da *Phanton Manor*. E por isso eu não consigo mais me lembrar dos detalhes da espera na fila. E eu acho que não aconteceu nada de especial na fila. Então embarcamos. E fomos.

## Referências

COMAZZETTO, Letícia et al. A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações. In: Psicologia: Ciência e Profissão. vol.36 no.1. Brasília: Jan./Mar. 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000100145&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000100145&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em 14 de jan 2021.

COUTINHO, Nina; MONTEIRO, Dirce. *Por que o ensino do inglês não decola no Brasil*. [Entrevista concedida a] Gabriel Jareta. Revista Educação, ed. 223, novembro de 2015. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/2015/11/04/por-que-o-ensino-do-ingles-nao-decola-no-brasil/>>. Acesso em 18 jan 2021.

JEVER. Jewer vs. Jefer. Disponível em: <<https://www.jever.de/brauerei/jefer-vs-jewer/>>. Acesso em 13 jan 2021.

LINK, Max. *Spazierengehen mit Leif Randt*. Disponível em: <<https://cargocollective.com/maxlink/Spazierengehen-mit-Leif-Randt>>. Acesso em 13 jan 2021.

MANGOLD, Ijoma. Das absolute Jetzt. Disponível em: <https://www.zeit.de/2020/11/leif-randt-allegro-pastell-rezension-buch-literatur>. Acesso em 12 jan 2021.

SLACKER. In: Merriam-Webster. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/slacker>>. Acesso em 18 jan 2021.

RANDT, Leif. *Planet Magnon*. Kiepenheuer & Witsch. Köln: 2015.

\_\_\_\_\_. *Post Pragmatic Joy (Theorie)*. In: BELLA triste 39. 2014. S. 7 bis 12.

ROWOHLT Theater Verlag. *Planet Magnon*. Disponível em: <<https://rowohlt-theaterverlag.de/tvalias/play/3485628>>. Acesso em 18 jan 2021.

THÖR, Jacqueline. Leif Randt: Schimmernder Dunst über CobyCounty. In: MEINOLD et al. *fusznote*. Bochumer Literatur Kritik. Heft 6. Ruhr Universität Bochum, 2013. S. 31. Disponível em: <[http://staff.germanistik.rub.de/wp-content/uploads/sites/83/2013/11/fusznote\\_Heft\\_06.pdf](http://staff.germanistik.rub.de/wp-content/uploads/sites/83/2013/11/fusznote_Heft_06.pdf)>. Acesso em 13 jan 2021.

VILLA Aurora & Thomas Mann House. *Villa Aurora Grant Recipients*: 2013. Leif Randt: *Writer*. Disponível em <<https://www.vatmh.org/en/grant-recipient-details/grant/291-leif-randt.html>>. Acesso em 14 jan 2021.

VORLÄNDER, Karl. Kant, Schiller, Goethe: gesammelte Aufsätze. Leipzig: 1907. Disponível em: <<https://cutt.ly/9jQpRwE>>. Acesso em 13 jan 2021.

**Recebido em:** 19/01/2021

**Aprovado em:** 12/05/2021